

Suas escolhas de pesquisa te movem a criar? Notas sobre a Arte como área de conhecimento e campo de investigação.

Daniele de Sá Alves¹

Resumo: Este texto percorre caminhos, ferramentas e abordagens para o desenvolvimento de pesquisas em artes visuais. Reflete sobre os atravessamentos entre os processos de pesquisar, ensinar, aprender e também de criar no campo da Arte. Dentre possibilidades, o foco é o estudo da A/r/tografia como uma Metodologia de Pesquisa Educacional em Artes.

Palavras-chave: *A/r/tografia; Pesquisa em artes; Metodologia de pesquisa; Processo de criação.*

Do your research choices move you to create? Notes on Art as an area of knowledge and field of investigation

Abstract: This text covers paths, tools and approaches for the development of research in the visual arts. It reflects on the crossings between the processes of researching, teaching, learning and also creating in the field of Art. Among possibilities, the focus is the study of A/r/tography as an Educational Research Methodology in Arts.

Keywords: *A/r/tography; Arts research; Research Methodology; Creation process.*

¹ Educadora, pesquisadora e artista. Doutora em Arte pelo PPGARTES da UERJ. Mestre em Museologia e Patrimônio pelo PP-GPMUS da UNIRIO. Bacharel e Licenciada em artes pelo IAD da UFJF. Professora adjunta da Faculdade de Educação da UFMG. Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, BH/MG, 31270-901. E-mail: danieledesaalves@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3997-4975>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6732529685728145>. Belo Horizonte, Brasil.

Considerando a prática docente de formação como experiência de muitos anos, é possível dizer que, de um modo geral, a etapa acadêmica mais temida em todos os percursos, seja na graduação ou mesmo nas pós-graduações, é a pesquisa, sobretudo aquelas de conclusão de curso. Monografias, dissertações e teses são, comumente, responsáveis por crises, bloqueios, noites em claro e até ameaças de desistência do curso por conta dos desafios com esse objeto de sistematização e registro da trajetória acadêmica. No campo da formação em artes, por exemplo, muitas vezes esse caminho foi percorrido a partir de práticas que priorizaram a dimensão do subjetivo e do autoral e, ao se deparar com o dever do trabalho final de curso, há o embate com o modelo tradicional de pesquisa acadêmica por sua natureza objetiva e quantitativa. Reside aí um abismo entre o senso comum das duas áreas: a pesquisa tradicional considerada por suas especificidades objetivas quando comparadas às demandas subjetivas da arte e até da educação. Nesse contexto algumas provocações importantes para desenvolvermos essa conversa:

Como começar uma pesquisa em artes? De que maneiras uma pesquisa no campo da arte pode ser desenvolvida? Quais os caminhos? Que possibilidades?

Quais particularidades, desafios e potencialidades de uma pesquisa em Arte?

Quais as possibilidades da pesquisa em arte e da pesquisa sobre arte a partir de diferentes abordagens investigativas?

Orbitando por entre as questões acima, retomamos a fala do professor João Batista Libânio que nos ensina sobre o processo de desenvolver o pensamento a partir da prática de fazer perguntas:

Outro segredo da arte de pensar consiste em saber fazer-se perguntas. Pensa quem sabe perguntar-se a si e à realidade. Onde há respostas prontas, feitas, fixas não há espaço para pensar. As respostas são afirmações, que têm atrás de si perguntas. Descobri-las, retomá-las e prosseguir fazendo novas perguntas açula-nos a capacidade de pensar (LIBÂNIO, 2014, p. 49).

Buscando expandir o pensamento sobre o universo potencial das pesquisas em artes é que as perguntas acima são trazidas, não com o objetivo de encontrar suas respostas, mas, sim, de provocar afetações, abrir espaços para reflexões e suscitar invenções sobre outras formas de desenvolver mais pesquisas no campo da arte. Com isso, encontramos reverberações

para este debate na fala do professor espanhol Ricardo Marin Viadel²:

Mas quando se trata da arte, concretamente o ensino do desenho, da pintura ou da fotografia e etc., parece surgir certa contradição entre o intenso caráter emocional, criativo e subjetivo dos processos artísticos e a necessária objetividade, contrastabilidade e demonstrabilidade de uma investigação educativa. Há certos temas que parecem refratários à atividade investigativa e científica, entre eles as artes e suas linguagens é um dos mais evidentes (VIADEL, 2011, p. 272, tradução nossa).

Esta aparente dicotomia entre a pesquisa científica e o campo da arte é um dado a ser considerado com critério e criticidade, o senso comum reitera a essência objetiva de uma atividade investigativa e reforça a visão categórica da arte e do próprio ensino da arte ainda muito próximos da noção moderna e da livre-expressão. E então perguntamos: há espaço para o sensível e para a subjetividade no modelo ocidental - quantitativo e positivista - de pesquisa? Ou ainda: há espaço para a poética e para a invenção nesse mesmo modelo tradicional? Tal contexto dualista sentimental e subjetivo da arte ignora as necessidades investigativas dentro do próprio contexto da área de conhecimento Arte e de sua produção, que exige práticas rigorosas de investigação nas mais diversas dimensões, desde em relação à sua materialidade, aos suportes, às referências, às projeções e tantas outras transversalidades possíveis do fazer artístico. Fato é que aprofundamento teórico e investigação são elementos necessários às pesquisas em todas as áreas, o que não exclui o rigor inclusive no campo das pesquisas em artes. Coelho e Loponte (2015) alertam sobre os riscos de uma pesquisa científica em artes ou educação sem o devido rigor de criticidade e fundamentação.

A ideia de pesquisar com arte na área da educação é atraente, sem dúvida. No entanto, é preciso certo cuidado para não aderirmos a correntes de pensamento ou a um modo de fazer pesquisa, sem um estudo e aprofundamento junto a um olhar crítico (COELHO; LOPONTE, 2015, p. 3311).

2 Ricardo Marin Viadel (1955-) é professor da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Granada na Espanha. Tem doutorado em Filosofia e Ciências da Educação (Estética) pela Universidade de Valência. É um pesquisador e autor de referência internacional nos estudos sobre Metodologias artísticas de investigação em educação.

É preciso ter clareza dos objetivos de cada investigação, dessa forma, as pesquisas em artes também têm suas especificidades, suscitam outros olhares, outros modos de aproximação, considerando inclusive outros parâmetros para além dos puramente objetivos e científicos, mas que também podem ajudar a problematizar, a pensar e a refletir sobre questões humanas, sociais, ambientais, educativas, artísticas, entre outras.

Nesse contexto, por exemplo, se, do lado da pesquisa tradicional, é comum o repúdio à contaminação de toda natureza, no campo da pesquisa em artes, contaminações e hibridizações são acolhidas, sobretudo considerando o escopo contemporâneo da arte. Além disso, é possível estabelecer uma aproximação entre as áreas da pesquisa, da arte e da educação pensando que, ambas, se apropriam da experimentação como disparador de seus caminhos de investigação. Dessa forma, pesquisas em artes podem conciliar densidade teórica e conceitual e exercício poético sem que nenhuma nuance seja preterida ou dispensada.

Mas afinal, o que pode significar uma pesquisa no campo da arte e até da arte educação? Para ajudar a pensar sobre tais possibilidades, a “Conferência Mundial sobre Educação Artística” da UNESCO ocorrida no mês de maio do ano de 2010 em Seúl (capital da Coreia do Sul), apontou objetivos para o desenvolvimento da educação artística. Sendo que, três deles, priorizaram a questão da investigação como propulsora de tal desenvolvimento, são eles:

- Estimular o intercâmbio entre a investigação e a prática em Educação Artística.
 - Apoiar globalmente a investigação e a teoria em Educação Artística e a relação entre teoria, investigação e prática.
 - Fomentar a cooperação para desenvolver a investigação em Educação Artística e distribuir seus resultados assim como as práticas exemplares através de estruturas internacionais tais como instituições e observatórios.
- Tradução nossa (UNESCO, 2010, p. 6-7).

Com isso, algumas questões orbitam este contexto: o que podemos aprender com a pesquisa para contribuir com as reflexões, os registros e as sistematizações das nossas práticas em artes? É possível criar, ensinar e aprender em artes sem que sejam incorporadas pesquisas de toda ordem? E ainda mais ao pé da letra, o que significa ser um pesquisador no campo das artes? E no campo da educação? Quais as efetivas relações entre a pesquisa, a prática artística e a prática pedagógica? De que forma os processos de investigação em artes podem contribuir para o desenvolvimento das práticas artísticas e para o ensino de arte?

Contemplando o debate das questões supracitadas, recorreremos às chamadas *Metodologias Artísticas de Investigação*, foco de estudo intenso dos professores da Universidade de Granada – Espanha, Joaquín Roldán e Ricardo Marin Viadel (2005, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016) que discutem propriamente possibilidades de *Pesquisas Baseadas nas Artes* e *Pesquisas Educacionais Baseadas em Artes*. Para Viadel:

As Metodologias Artísticas de Investigação se aplicam a todas as especificidades artísticas: poesia, novela, drama, dança, música, pintura, fotografia, instalação, vídeo, performance, etc. Em todos os casos há que usar uma grande bagagem de conhecimentos e estratégias profissionais de análise, representação e persuasão, que são característicos das criações artísticas, para abordar os problemas educativos. As Metodologias Artísticas de Investigação levantam muitos problemas epistemológicos e metodológicos, dentre eles, destacamos três: a) A pluralidade das linguagens de representação; b) a complexidade semântica e a amplitude conotativa dos resultados; c) a flexibilidade dos dados empíricos (VIADEL, 2011, p. 281).

É possível verificar um exercício implícito nas *Metodologias Artísticas de Investigação* que buscam o espaço de diálogo e adequação entre as subjetividades das linguagens artísticas com as objetividades próprias da pesquisa tradicional, contemplando especificidades mesmas de uma Pesquisa em Artes. Dessa forma, podemos dizer que acolher o exercício poético amplia as formas de análise para além de dados quantitativos, alcançando uma dimensão reflexiva como atributo qualitativo da pesquisa em artes. Na confluência de tais questões, o foco agora será direcionado para a perspectiva A/R/Tográfica como base epistemológica para o desenvolvimento de uma pesquisa em artes atravessada pelas experiências não só da arte, mas também da educação. Este estudo partilha um recorte da tese de doutorado intitulada: *Formações (C)A/R/Tográficas: experiência em processo na arte, na educação e na pesquisa para a formação de professores artistas* (ALVES, 2019).

A/R/Tografia como “Metodologia de Pesquisa Educacional Baseada em Arte”

Incorporando o debate sobre possibilidades de pesquisas em artes, partilhamos contornos investigativos da abordagem intitulada A/R/Tografia. Este é o termo utilizado para identificar uma *Metodologia de Pesquisa Educacional Baseada em Arte* (IRWIN, 2016; IRWIN; DIAS, 2013; HER-

NÁNDEZ, 2013; VIADEL, 2005, 2011; ROLDÁN; VIADEL, 2012; ALVES, 2015; ALVES, 2019), que contempla a possibilidade de um mesmo sujeito assumir, concomitantemente, as identidades e processos próprios do ser professor, ser pesquisador e ser artista. O processo de construção desta proposta é bastante significativo já que, segundo a professora e pesquisadora Rita Irwin³, da Universidade da Colúmbia Britânica em Vancouver, surgiu da experiência em processo com alunos e professores entre práticas artísticas, pedagógicas e de pesquisa:

Foi junto a esse grupo misto de estudantes, e afetados pelo que realizávamos, que o termo A/r/tografia surgiu. Estava escrevendo um capítulo de um livro e o nome “grupo de pesquisa-ação” parecia não fazer justiça ao que realizávamos. Falávamos de forma eloquente da prática em arte, da prática pedagógica, mas não tínhamos um termo para falar dessas práticas como pesquisa. Precisávamos disso e então fomos estruturando a A/r/tografia (IRWIN, 2016, p. 12).

Dessa forma, Irwin e Dias (2013) entendem a ligação e o entrecruzamento dessas três condições, sendo possível assumir-se como artista-pesquisador-professor já que teoria e prática dos três elementos se relacionam já na sua essência.

O fragmento do termo A/R/T diz respeito metaforicamente à representação dos três conceitos em inglês – Artist, Reseacher, Teacher, em conjunto com “grafia”, integrando a representação em si. Por isso, “a/r/tógrafo” é o termo utilizado para a designação do artista/pesquisador/professor, como protagonista de um processo, capaz de mesclar teoria, prática, poética, criação, expressão, registro e sistematização. Vale destacar que a abordagem afirma a quebra das fronteiras entre as três identidades, mas isso não quer dizer um imperativo para que elas se misturem formando uma única permanentemente, ao contrário disso, a a/r/tografia trata das três em uma mesma palavra indicando a potência permeável entre elas mas garante a barra como ícone gráfico registrando simbolicamente a garantia das particularidades de cada identidade e, também, do espaço entre elas.

3 Professora titular de Estudos Curriculares e Arte Educação e diretora da Divisão de Formação de Professores da University of British Columbia (UBC), no Canadá. Ocupa posições de liderança em uma série de organizações nacionais e internacionais, como a Sociedade Canadense para o Estudo de Educação, Associação Canadense de Estudos Curriculares e Sociedade Internacional para a Educação através da Arte (INSEA).

Na a/r/tografia os papéis de artista, pesquisador e professor não têm hierarquia ou distinção, eles podem se somar e se fundir e, ao mesmo tempo, e/ou temporariamente, permitir uma atuação múltipla entre esses saberes e fazeres próprios de cada um, dialogando, lubrificando, e mediando suas demandas, fricções e rupturas e até integrações. Ora o papel do artista está ativado, e logo a experiência do professor é convocada, junto com isso o repertório do pesquisador segue sendo ampliado, e assim acontece o diálogo entre esses lugares, situando e deslocando suas consonâncias e dissonâncias. Dessa forma, Irwin (2016) conta que um conceito importante no repertório da a/r/tografia é o de contiguidade, pois diz do sentido de um estado de convivência, o que faz referência ao modo como tal perspectiva acolhe as identidades do artista, do professor e do pesquisador, sem sobreposição, sem anulação, caminhando juntas e encontrando formas de encontro e integração. É o que revela sua escrita ao determinar as iniciais entre barras, lado a lado.

Diferentemente da maneira tradicional de pesquisa que busca um tipo de conhecimento válido e exato, onde os dados encontrados justificam a previsão de resultados objetivos, o professor e pesquisador da Universidade de Brasília (UnB), Belidson Dias afirma que, o ato de pesquisar a partir de uma *Metodologia de Pesquisa Educacional Baseada em Arte* é um “ato criativo em si e per si”, (IRWIN, DIAS. 2010, p. 4) ou seja, considera e valoriza o processo, já que sua base reside no conceito de que “o sentido não é encontrado, mas construído e de que o ato da interpretação construtiva é um evento criativo”.

Sobre as referências conceituais, Dias (2010, p. 6) nos conta que a a/r/tografia é uma forma de Pesquisa Educacional Baseada em Arte⁴ – que foi originada por Elliot Eisner⁵, ele buscava a arte como o elemento essencial para o desenvolvimento de suas pesquisas nos Estados Unidos, entre os anos 1970 e 1980. O referencial teórico da a/r/tografia está na fenomenologia, no estruturalismo e no pós-estruturalismo, suas influências que

4 Nos países de língua inglesa Arts-Based Educational Research (ABER) ou Arts-Based Research (ABR). Nos países de língua espanhola pode ser identificada como Investigación Basada en las Artes (IBA). No Brasil, Pesquisa Educacional Baseada nas Artes (Peba) ou Pesquisa ou Investigação Baseada nas Artes (PBA), ou ainda Investigación Educacional Baseada nas Artes (IEBA).

5 Ver: EISNER (1979; 1991); BARONE; EISNER (1997).

vão desde Aristóteles⁶, passando pelo filósofo empirista John Dewey no século XX em sua defesa pela visão da arte como experiência, propondo uma vivência estética através dos sentimentos, da prática e do intelecto. O pensamento rizomático de Deleuze e Guatarri (1992) é outra grande contribuição para a base de construção da a/r/tografia, o fluxo rizomático é descentralizado, não hierarquizado, horizontal e aberto a conexões, o que permite que a pesquisa, a criação e a educação possam criar vínculos e percorrer caminhos outros, que não lineares e exatos.

Grande referência neste tema, Rita Irwin (2013) defende que a/r/tografia é uma “**investigação viva**”. Tal conceito é fundamental nesta abordagem, e está relacionado a uma atitude investigativa ancorada na experiência e, por isso, na vida, nas práticas, nas relações entre pessoas, áreas, “coisas” produtoras e geradoras de dados qualitativos para a pesquisa. Este conceito também se relaciona diretamente à pesquisa-ação, uma metodologia de pesquisa na educação muito utilizada nas últimas décadas, investigação impregnada da prática que permite, inclusive, intervenções. Assim, o processo de investigar se relaciona diretamente às artes e à educação, onde a produção de conhecimento possa acolher práticas de educadores assim como de artistas. Um processo vivo de investigação das práticas do saber e do fazer – arte, pesquisa e educação.

Junto com a noção da *contiguidade* e da *investigação viva*, outros conceitos também dão corpo à a/r/tografia adensando sua estrutura. Elementos como *exegese* (IRWIN, 2016), *metáfora e metonímia*, *abertura*, *reverberações* e *excesso* (SPPRINGAY; IRWIN. 2008, p. 38) são características importantes integradas ao processo a/r/tográfico que compõem o repertório desta abordagem. A *exegese* é o embasamento teórico explicitado criticamente no trabalho entre processo e forma artística. Elementos de *metáfora e metonímia* suscitam a provocação de novos sentidos, significados e relacionamentos entrelaçados, por meio das interpretações que podem surgir por meio dessas figuras de linguagem, esses elementos confrontam a certeza lógica da pesquisa tradicional abrindo possibilidades interpretativas, perceptivas, imaginativas e inventivas. O conceito de *abertura* na a/r/tografia se refere às formas de possibilitar encontros en-

6 Segundo Irwin (2008), Aristóteles articulava teoria (theoria), prática (praxis) e criação (poesis).

tre corpos, obras, ações e pensamentos. Abrir brechas, conversações e relacionamentos, abrir-se também para contradições, questionamentos e resistências. As *reverberações* constroem o significado como um espaço entre as partes, indicando variações, descontinuidades e complexidades através de ligações/vínculos e conexões criativas. *Excesso* é o conceito que indica condição suplementar, evocação e provocação das minúcias, algo à princípio despercebido mas que nos desafia e transborda a partir do que nós ainda não podemos nomear. Segundo Sprringay e Irwin (2008, p. 31), cada um dos conceitos acima estão sujeitos ao livre impacto uns dos outros, é muito importante perceber que eles estão relacionados e integrados em essência, em movimento constante deslocando fronteiras entre teoria, prática e criação.

Considerando o espaço de compreensão e criação potencial em que habitam os conceitos constituintes do universo a/r/tográfico supracitado, Irwim (2013, p. 30) afirma que o trabalho do a/r/tógrafo é reflexivo, recursivo, refletivo e responsável. Reflexivo para pensar o que aconteceu antes e o que está por vir, repensando e revendo todo o processo. Recursivo permitindo que suas práticas possam ser recurso para novas ideias e outros conhecimentos. Refletivo já que questiona sua posição, seus preconceitos, suposições e crenças e responsável para agir eticamente. Nesse sentido, Dias (2013) explica que na a/r/tografia saber, fazer e realizar se fundem e se dispersam criando uma linguagem de mediação, mestiça e híbrida.

Com base na a/r/tografia como experiência de pesquisa e também de docência e prática artística é possível perceber sua potência na contemporaneidade, uma abordagem que defende ser possível fomentar redes plurais de experimentações e reflexões sobre a própria construção subjetiva do ser professor/pesquisador/artista, seus desafios e desdobramentos seja no atelier, na sala de aula, na internet, na biblioteca, no palco ou na cidade. Considerando ainda que, definições dessas identidades não cabem em nenhuma caixinha, sendo conceitos e atuações amplas e abrangentes, que poderão ser adequadas de acordo com o contexto. Com este princípio, destaco a fala da professora Lúcia Gouveia Pimentel que registrou, sem reduzi-las, algumas características próprias do contexto de cada uma dessas identidades contemplando os desafios do processo de entrecruzamentos das identidades de professor, pesquisador e artista na formação docente para o ensino de arte:

O artista tem como uma de suas prerrogativas ser errante de ideias e processos. O ensino tem por norma ser uma forma sistematizada, sob o controle de um professor. O pesquisador tem por obrigação ir a fundo nas questões que investiga. Ser artista/professor/pesquisador exige investimento constante em cada uma dessas ações. Tendo como premissa que para ser professor de Arte é necessário ter uma prática artística e atividade de pesquisa, o trabalho de formação desse professor reveste-se de complexidade e importância dobradas (PIMENTEL, 2011, p. 765).

Em consonância com a abordagem a/r/tográfica, não há neste trabalho, de maneira alguma, a pretensão de definir, delimitar ou categorizar o que e como vem a ser, ou deveria atuar, exatamente um professor, ou pesquisador ou artista, ou mesmo um professor/pesquisador/artista. Ao contrário, a proposta aqui é perceber e acolher maneiras possíveis em que a experiência de cada uma dessas atuações, contribui para a excelência da outra, qualificando, conseqüentemente, o processo de pesquisar, ensinar, aprender e fazer arte. Considerando, então, teoria e pesquisa, ensino e aprendizagem, arte e produção, entidades integradas, interdisciplinares e presentes neste tempo/espço relacional e dialógico, professores pesquisadores artistas buscam a mediação e a exploração de formas de saber/fazer/realizar para alcançar os sentidos e significados de ensinar/aprender/viver/pesquisar arte.

Sobre pesquisar, ensinar e fazer arte: professores artistas e suas pesquisas

A partir do conjunto possível das relações que as identidades de artista professor pesquisador podem construir é que sua comunhão é apropriada a partir de agora, também, respeitando e considerando, da mesma forma, as partes que as tornam particularmente indivisíveis. Assim, seguimos o diálogo dos procedimentos artísticos com as práticas pedagógicas e de pesquisa, retomando a Bauhaus onde artistas como Paul Klee⁷, Wassily

7 Paul Klee (1879-1940): conceituado pintor de vanguarda assumindo atividades docentes na Bauhaus em Weimar, em Janeiro de 1921. Em 1930 foi também professor na Academia de Artes de Düsseldorf. Alemanha.

Kandinsky⁸, Joseph Albers⁹, László Moholy Nagy¹⁰, entre outros, experimentaram a docência, descobrindo e revelando o quanto a ação de professor é capaz de contribuir para os seus desenvolvimentos artísticos e, da mesma forma, suas experiências artísticas foram potentes para adensar suas investigações e práticas docentes. Dessa forma, os entrecruzamentos da pesquisa, da docência e da criação artística seguem explorando muitos caminhos e referências, tanto pedagógicas quanto artísticas.

Dentre processos, projetos e inquietações de educadores acerca da arte, destacamos a perspectiva do que a Professora Luciana Loponte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, denomina “docência artista”. A construção deste pensamento tem aporte teórico nas referências de Foucault e Nietzsche, e relaciona questões de gênero, ensino de arte e propriamente as artes visuais e suas possíveis articulações com a produção docente em arte. Neste fluxo, o foco está nas “provocações que as artes visuais contemporâneas podem trazer para nossos modos de pensar e problematizar a docência, em qualquer nível ou área de conhecimento” (LOPONTE, 2013, p. 35), o que equivale a pensar sobre como abrir espaços para a criação e para a dimensão estética na formação docente. Sua questão de pesquisa emerge a partir do trabalho com professoras de arte de sua região, o Sul do Brasil, e da inquietação em perceber o campo de atuação da educação, em sua maioria, feminino, em contraponto com o percurso da arte que é escrito, reconhecido e assinado, predominantemente, por homens.

[...] pergunto pela possibilidade da constituição de uma docência artista, construída através da escrita de si e relações de amizade, como formas possíveis de resistência, de subversão aos poderes subjetivantes (principalmente que envolvem relações de poder e gênero) (LOPONTE, 2005, p. 9).

8 Wassily Kandinsky (1866-1944): pintor pioneiro no movimento abstracionista foi professor da escola da Sociedade Artística Phalanx e da Bauhaus.

9 Joseph Albers (1888-1976) – artista e educador por excelência, cujas obras, tanto na Europa como nos Estados Unidos, representaram a base dos mais influentes programas sobre o estudo da arte do século XX. Foi professor formador de artistas na Bauhaus, Alemanha, e na Black Mountain College, na Carolina do Norte, e do diretório do departamento de Arte na Universidade de Yale.

10 László Moholy Nagy (1895-1946) designer, fotógrafo, pintor e professor de design pioneiro. Lecionou na escola Bauhaus. Suas obras têm influências do Construtivismo Russo.

Nesse sentido a “docência artista” investiga um modo de ser docente que assuma uma atitude artista consigo e com o mundo, relacionando ética docente com atitude estética entre outros conceitos emergentes, principalmente do pensamento foucaultiano. Imbuída dos questionamentos sobre modos de existência e de subjetivação como possibilidade de “invenção contínua de si mesma”, a problematização da docência surge na medida em que busca “modos mais abertos e flexíveis – mais artistas” (LOPONTE, 2013, p. 36) para um existir docente plural, flexível, maleável, inconformado e em permanente processo de criação e recriação diante da complexa tarefa de educar na atualidade. Inicialmente, a pesquisa desenvolvida, em 2005, teve como foco pensar a docência artista no âmbito da formação docente em artes, no decorrer do tempo, a partir do trabalho na formação docente em licenciaturas de outras áreas, a autora percebeu a possibilidade da expansão da proposta da “docência artista” em qualquer área de conhecimento apostando na potencialidade da dimensão estética na formação de professores, como nos diz Loponte (2013, p. 38): “Os processos de formação docente não podem prescindir da arte e da estética, reduzindo-se a um pensamento racional e cognitivo em relação aos modos de ser professor”.

A partir do entendimento de que uma “docência artista” está para além da racionalidade, conforme nos desafia Loponte, identificamos pensamento consonante no discurso de Valquíria Prates¹¹ no texto de abertura do caderno “Escolhas, Rotas e Desvios” do material educativo da 32ª Bienal de São Paulo (PRATES, 2016). Descolar o ensino de arte das atividades ilustrativas é o embate que aponta como, ainda, a ser superado para abrir espaços à experiência da arte com o efetivo desenvolvimento das práticas artísticas e das investigações com as obras, com as provocações, com as ideias, com os processos artísticos e também a partir deles:

Desse modo, fazer educação como quem faz arte implica a disponibilidade de experimentar as próprias ações desenvolvidas em escolas, centros culturais e exposições: a consciência de que é preciso deixar de utilizar obras de arte apenas para ilustrar temas e conceitos, e passar a arriscar e desenvolver uma postura ativa de pesquisa em relação aos processos artísticos e seus desdobramentos (PRATES, 2016, p. 5).

11 Valquíria Prates (1977-) é educadora, curadora e escritora. Desenvolve pesquisa sobre processos artístico-pedagógicos no Instituto de Artes da Unesp, com orientação da Professora Rejane Coutinho, desde 2015. Desenvolve programas públicos de educação, mediação e formação, exposições e publicações.

Por esta via, os processos da professora artista Lucimar Bello Frange¹² nos ensina que é possível partilhar o sensível (RANCIÈRE, 2009) ao dialogar com as obras, com o público e com as práticas artísticas pelas vias da existência, do convívio, da educação e da resistência no espaço cultivado entre a universidade e a comunidade. Uma questão importante colocada por ela é:

Como eu posso ser professora de arte se não vou à exposição de ninguém, se eu não leio sobre arte, se eu não procuro viver comigo, a experiência estética? [...] Como posso trabalhar com outros, sem viver a experiência estética em mim? São Paulo, 07 de abril de 2014 (FRANGE *apud* SOUZA, 2017, p. 23).

Esta dimensão de presença, habitação e frequência está presente em muitos dos seus trabalhos, dentre seus vários projetos, obras e residências destaca-se os *Comíveis miúdos atos estéticos, éticos, políticos e culturais – Desenhos de Comer*. Esta é uma pesquisa sobre ações colaborativas em comunidades onde a criação acontece em processo de experiências de todos os envolvidos e seus contextos identitários com a arte contemporânea.

A pesquisa e a extensão inter-relacionam universidades e comunidades, espaços e lugares nos quais se dão as trocas, as acolhidas, as escutas, as criações das pessoas com seus saberes locais atravessadas por não-sabidos, transformando-os em processos de criação (FRANGE, 2013, p. 3).

O pesquisador Carlos Weiner de Souza (2017, p. 198) avalia vida e obra de Lucimar e identifica seu lugar cada vez mais fronteiro entre as denominações de artista, professora e pesquisadora, para ele, as identidades seguem em fusão já que sua obra e processo de criação reverbera um estado da arte em que seus modos de ser e estar no mundo estão profundamente implicados.

Sobre laços comunitários em diálogo com a pesquisa na universidade é preciso destacar também o trabalho da professora artista Isabela Frade

12 Doutora em Arte Educação, ECA/USP/SP. Pós-doutora em Comunicação e Semiótica, CPS/PUC/SP e pós-doutora no Núcleo de Estudos da Subjetividade, PUC-SP. Pertence a Anpap e a Faeb. Artista e pesquisadora em Artes Visuais, Arte Educação e Processos de Criação em Comunidades.

da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) com o “Coletivo Feminino de Arte – O Círculo de mulheres da arte da terra”, ou em sua forma afetiva, simplesmente, “O Círculo”. Estabelecendo vínculos entre a universidade e a Mangueira, comunidade vizinha à Uerj, a proposta se fortaleceu a partir do projeto extensionista Terra Doce iniciado em 2009 (FRADE, 2019). Desde então são desenvolvidas:

ações artísticas com perspectivas educativas, intervencionistas e investigativas, visando a criação de um espaço comum, um campo de trocas, um lugar de fabricação de novas sensibilidades para a remodelagem do feminino nestes domínios. (FRADE; HENCK, 2010, p. 1).

Neste contexto, a pesquisa na questão do feminino constituiu o elo para o atravessamento entre os dois territórios, possibilitando o envolvimento, em estado de troca, de mulheres como corpo integrado em um coletivo de artistas, pesquisadoras, mulheres, mães e professoras. A força da terra na argila foi a materialidade que mais fluiu na união e o calor do acolhimento, da escuta e da partilha sensível do aprendizado, se fez cerâmica. O diálogo da universidade com a comunidade feminina mangueirense tem gerado processos e ações principalmente na qualidade de arte pública e relacional (FRADE, 2016; 2012). Com diâmetro de atuação inicialmente no Rio de Janeiro e seu entorno, entre oficinas, pesquisas, performances, exposições e práticas de atelier, em 2016, expandiu as fronteiras para Minas Gerais. O trabalho em trânsito foi a exposição “Corpo Oco” que ocupou a Galeria da Reitoria na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), no mês de setembro de 2016. Da esfera universitária, partiram ainda para atuações comunitárias e escolares com exposição e mediação – em uma escola municipal e depois em uma praça pública da cidade¹³. O exercício de curadoria deste trabalho foi compartilhado entre as educadoras pesquisadoras artistas Isabela Frade, Isabel Henning e Daniele de Sá Alves.

13 A instalação “Corpo Oco” do Coletivo O Círculo foi montada na Praça São Mateus, em Juiz de Fora, durante o evento de música instrumental “Duolhodágua Convida”, em maio de 2017.

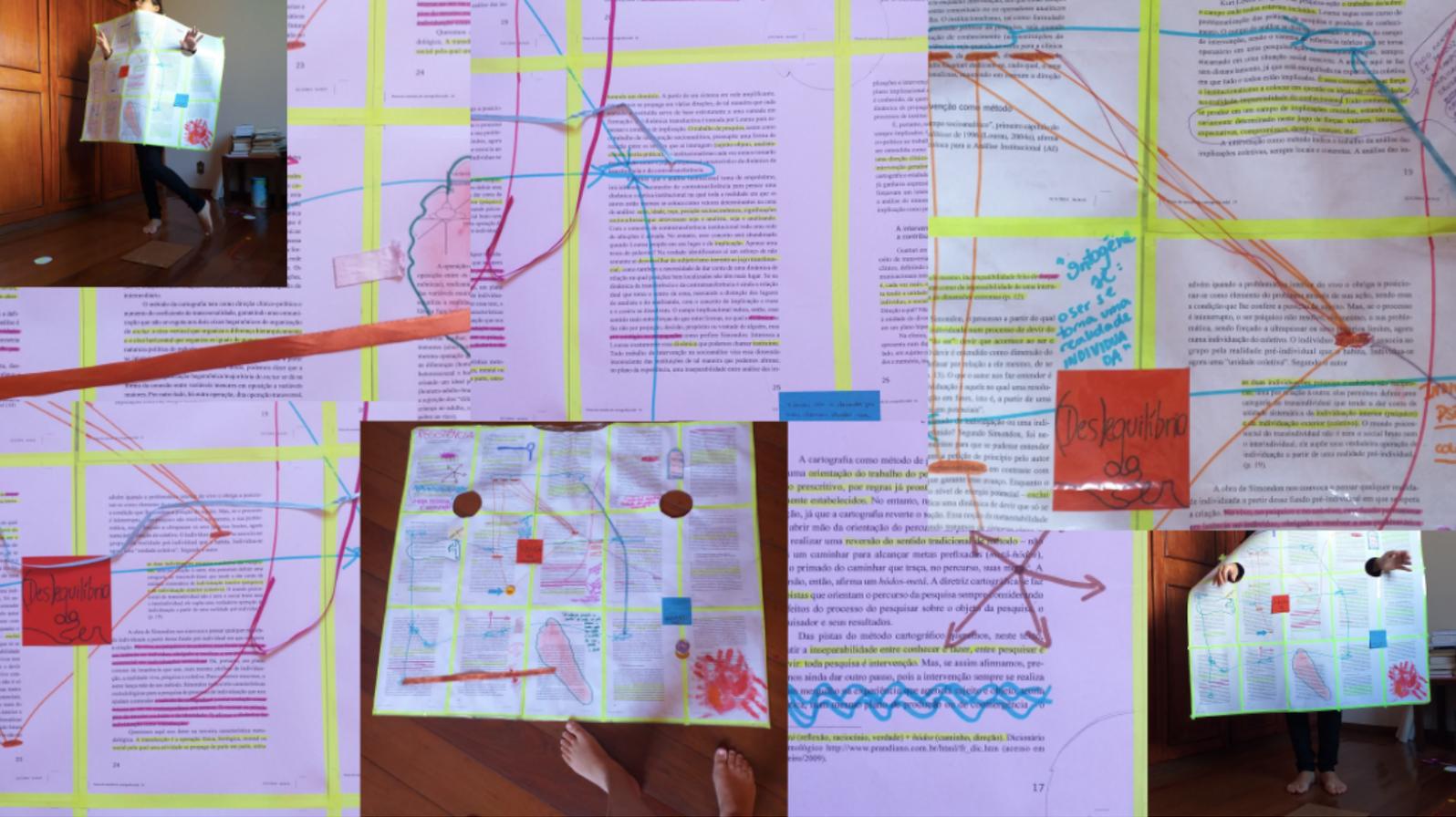


Figura 1
Registros do Projeto de Pesquisa “Cartografias da Experiência - saberes e fazeres na arte, na educação e na pesquisa para a formação de professores artistas” coordenado pela Profa. Dra. Daniele de Sá Alves na Faculdade de Educação da UFMG. Processo desenvolvido no ano de 2020 pela estudante bolsista Camilla Fidelis.

Como suas escolhas de pesquisa te movem a criar? Considerações finais sobre a Arte como área de conhecimento e campo de investigação

Até aqui falamos de pesquisa em arte, mas também de fazer arte, e de ensino de arte. Caminhos possíveis para construir, percorrer e experimentar o processo da pesquisa a partir do contexto da arte como área de conhecimento, e como tal, com suas particularidades e especificidades. Na pesquisa em artes, a pesquisa é feita a partir de números e palavras, mas também a partir do corpo, do espaço, do tempo, dos sentidos todos: tato, paladar, olfato e visão, do traço, do gesto, do movimento e do som. Na imagem acima, registros do ano de 2020 dos estudos cartografados, vestidos e sentidos a partir do projeto de pesquisa intitulado *Cartografias da Experiência - saberes e fazeres na arte, na educação e na pesquisa para a formação de professores artistas*, desenvolvido pela autora na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Na pesquisa em artes, o sentido a/r/tográfico é um potente caminho demonstrando que forma também é conteúdo, como tal, comunica, afeta, provoca e debate. Se no contexto da pesquisa tradicional atos de analisar, quantificar, examinar, comparar, avaliar, identificar, selecionar, relacionar são comumente utilizados, as pesquisas em artes se apropriam também de processos como performar, encontrar metáforas, corporificar, gerar atravessamentos, desenhar, criar imagens, cartografar, e inventar entre outros gestos que serão descobertos e até criados no decorrer da própria experiência da pesquisa.

Ainda vemos muitos programas acadêmicos em artes com referências de pesquisa a partir do modelo tradicional objetivo e quantitativo de desenvolver uma investigação. Tal distância do contexto de uma pesquisa em artes só reforça o abismo comumente visto entre a academia e a vida social e cotidiana. Apesar disso, o processo de ruptura com esse engessamento do modelo tradicional de pesquisa é fértil e próspero, já temos referências potentes como na Universidade de Quebec em Montreal (UQAM), no Canadá, por exemplo, onde no Doutorado em Estudos e Práticas Artísticas, uma tese pode ser construída a partir de três possibilidades: a tese-pesquisa, a tese-intervenção ou a tese-criação (FORTIN E GOSELIN, 2014). Já amplamente difundida no Brasil, as *Metodologias de Pesquisa Baseadas em Artes* também apontam caminhos possíveis para o encontro de territórios intermediários, híbridos e mestiços entre a criação artística e a investigação científica, acolhendo qualidades e características de ambos os campos.

Nesse contexto fomento a prática problematizadora a que falamos no início e pergunto: como suas escolhas de pesquisa te movem a criar? E ainda, em desdobramentos: como suas escolhas de pesquisa te movem a estudar? Como suas escolhas de pesquisa te movem a educar? O que suas escolhas de pesquisa te movem a desenhar? Como suas escolhas de pesquisa te movem a dançar? O que suas escolhas de pesquisa te movem a escrever? O que suas escolhas de pesquisa te movem a descrever? O que suas escolhas de pesquisa te movem a cantar? O que suas escolhas de pesquisa te movem a pensar? Como suas escolhas de pesquisa te movem a debater? Como suas escolhas de pesquisa te movem a protestar? Como suas escolhas de pesquisa te movem a se vestir? Como suas escolhas de pesquisa te movem a respirar? Como suas escolhas de pesquisa te movem a existir? Assim como a arte e a educação, a pesquisa é também um processo político e de resistência, sobretudo nos últimos anos do contexto nacional. Que as pesquisas em artes possam ser potentes ferramentas em processos de investigação no campo da arte e da educação em busca de conhecimentos científicos, éticos, estéticos, poéticos e políticos.

Referências

ALVES, D.S. Formações (C)A/R/Tográficas: experiência em processo na arte, na educação e na pesquisa para a formação de professores artistas. 2019. 293 f. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

COELHO, A. D. A.; LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte como plataforma para pensar em metodologias de pesquisa em educação. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS (ANPAP), 24., 2015, Santa Maria, RS. Anais... Santa Maria, RS: UFSM, 2015. v. 1. p. 3310-3322.

DIAS, Belidson. Preliminares: A /r/tografia como metodologia e pedagogia em arte. In: Congresso Nacional da Federação de Arte Educadores do Brasil, 17. Mato Grosso do Sul, 2017, Anais eletrônicos... Disponível em: <http://aaesc.udesc.br/confaeb/Anais/belidson.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2019.

FORTIN, S.; GOSSELIN, P. Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico. Art Research Journal, Natal, RN, v. 1, p. 1-17, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5256/4314> . Acesso em: 26 dez. 2022.

FRADE, Isabela; HENCK, Joyce. O círculo – ativando a produção plástica feminina na via Uerj / Mangueira. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS (ANPAP), 19. Cachoeira, Bahia, 20 a 25 de set. 2010. Anais... MARTINS, M. V. G.; HERNÁNDEZ, M. H. O. (Orgs). Salvador: EDUFBA, 2010.

FRADE, Isabela. Arte Viva na Via UERJ Mangueira - modelagem de corpos e lugares de convivência. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS (ANPAP), 21, Rio de Janeiro, 2012. Anais eletrônicos... (cd-Rom). Rio de Janeiro: ANPAP, 2012. v. 1. p. 373-385.

FRADE, Isabela. Projeto Terra Doce – o saber vicejante e o fruto encantado. Revista Educação, Artes e Inclusão, v. 15, p. 50-71, 2019.

FRANGE. Lucimar Bello. Desenhos de comer, cerâmicas para viver, desenhos de comer, para Itaparica e travessias, três experimentações. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS (ANPAP), 22., Belém, 2013. Anais... MEDEIROS, Afonso; HAMOY, Idanise

(Orgs.). 1. ed. Belém: ANPAP; PPGARTES/ICA/UFPA, 2013.

IRWIN, Rita. A/r/tografia: engajamento como filosofia de pesquisa e prática profissional. *Revista Científica/FAP*, v. 14 n. 1. 2016. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1907>. Acesso em: fev. 2019.

IRWIN, Rita; DIAS, Belidson (Org.). *Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia*. Ed. UFSM. Santa Maria, 2013.

LIBÂNIO, João Batista. *A arte de formar-se*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Da arte docência e inquietações contemporâneas para a pesquisa em educação. *Revista Teias*. v. 14, n. 31. 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24325>. Acesso em: 22/05/2019.

PIMETEL, Lucia Gouveia. Novas Territorialidades e Identidades Culturais: o ensino de arte e a tecnologias contemporâneas. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS (ANPAP), 20. Anais... Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/lucia_gouvea_pimentel.pdf

PRATES, Valquíria. Bienais, arte e a possibilidade de perceber-se contemporâneo. In: VOLZ, J. Prates, V. (Orgs.) *Incerteza viva: processos artísticos e pedagógicos: 32a Bienal de São Paulo*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível: Estética e Política*. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34. 2009.

SOUZA, Carlos Weiner Mariano de. *O corpo da arte: a experiência da imagem no ensino contemporâneo das artes visuais*. Tese (Doutorado em 2017) – Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-05092017-090742/pt-br.php>. Acesso em: fev. 2019.

SPPRINGAY, S.; IRWIN, R. L.; LEGGO, C.; GOUZOUASIS, P. (Orgs.). *Being with A/r/tography*. Rotterdam: Sense Publishers, 2008.

UNESCO. Segunda Conferencia Mundial sobre la Educación Artística La Agenda de Seúl: Objetivos para el desarrollo de la educación artística. 2010 Disponível em: http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/CLT/pdf/Seoul_Agenda_ES.pdf

VIADEL, Ricardo Marin. Las investigaciones en educación artística y las metodologías artísticas de investigación en educación: temas, tendencias y miradas. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 271-285, set./dez. 2011.

Recebido em 30 de junho de 2023 e aceito em 1º de setembro de 2023

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.

